



PAULISTA



CANTINHO DA RECORDAÇÃO



Na gravura uma homenagem aos «pioneiros» do futebol paulista e brasileiro. Apresentamos a Seleção Paulista que disputou o título brasileiro de 1929, quando teve oportunidade de consagrar muitas figuras do nosso «soccer». Um dos mais destacados, sem dúvida, foi Petronilho (o terceiro homem antes do fim, partindo-se da esquerda) e como último homem o excelente ponta revelado pelo Corinthians, Filó. Amilcar comanda o grande time e Tuffy é o arqueiro.



Ao alto uma verdadeira preciosidade histórica: trata-se da equipe do São Paulo Athletic, que conquistou, em 1911, o quarto e último campeonato da sua gloriosa existência no futebol paulista. Foi o primeiro clube esportivo organizado em São Paulo, reunindo elementos da colônia inglesa radicados na capital. Ao surgir, em 1888 foi para se dedicar exclusivamente ao esporte do «cricket», modalidade esta do inteiro agrado dos britânicos. O primeiro terreno do clube foi na Chacára Dulley, localizada entre os bairros do Bom Retiro, Luz e Ponte Grande. Graças ao terreno cedido pela família Dulley foi possível ao São Paulo iniciar a prática esportiva em 1892. Charles Miler, o fundador do futebol em São Paulo e no Brasil, era brasileiro, filho de pais ingleses. Defendeu o Southampton e em 1894 retornou ao Brasil, ingressando no S. Paulo Athletic, quando este iniciou a prática do futebol.

PAULISTÃO

São Paulo — Ano 1 — N°12 — 1980

Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização n. 01/00/011/79

Secretaria da Receita Federal

Processo do Ministério da Fazenda

n. 0168-51.372/79

DIRETOR RESPONSÁVEL

WALTER LACERDA

COLABORADORES

Oscar Hamleto Meliante

Oswaldo Bentini

Severino Pereira Junior

Mario Andrade

Levi Silva

Mariovaldo Souza Mineiro

REDAÇÃO

Praça Roberto Gomes Pedroza 8 - Morumbi - São Paulo

OSCAR CONFESSA QUE SONHO ERA VOLTAR PARA A SELEÇÃO

O São Paulo FC, sempre foi um clube que alinhou em suas fileiras, zagueiros de estampa e que sempre chegaram à seleção do Brasil. Desde os idos tempos de Renganeschi, sempre pontificaram na extrema defesa do tricolor, valores de invulgar capacidade. Ali estiveram Mauro Ramos de Oliveira, Hideraldo Luis Bellini, Jurandir e outras figuras de destaque. Para não fugir à regra agora o clube do Morumbi foi buscar o zagueiro Oscar, ex-defensor da Ponte Preta, de Campinas, que estava defendendo o Cosmos, de Nova Iorque. Depois de se projetar, de maneira extraordinária na defesa da seleção brasileira, onde apareceu como figura indispensável, acabou Oscar, em defesa do seu clube, se contundindo. Uma contusão que provocou uma certa apreensão.

Falou-se, inclusive, que dificilmente voltaria a jogar bola. O boato surgiu quando se cuidou de sua transferência para o futebol espanhol. Sua recusa foi acompanhada de uma informação medida que o atleta estava «incapacitado» para o futebol. O Cosmos, porém, depois de examiná-lo detidamente decidiu pela sua contratação. Foi difícil, contudo, para o zagueiro paulista aclimatar-se ao gramado sintético. Diante disso, resolveu o Cosmos vender o seu atestado libe-



ratório e, quase que de surpresa, diante do descrédito de muitos, o São Paulo acabou comprando o seu atestado liberatório. Em todos os exames a que foi submetido, Oscar correspondeu da melhor maneira possível.

A VOLTA DE OSCAR

Antes, porém, de entrarmos em detalhes sobre a presença de Oscar, em defesa das cores do São Paulo FC, convém lembrar o que significa a sua volta para o futebol brasileiro. Na verdade desde que saiu do posto, em virtude de uma forte contusão, o quadro nacional começou a fazer «água» por aquele setor. Tentou-se inicialmente a solução do assunto, com o deslocamento de Amaral para aquele setor. Todavia, o zagueiro corintiano nem sempre correspondeu de maneira perfeita, pois falhava no combate direto contra os atacantes adversários e, pelo alto, era facilmente superado. A solução pareceu surgir com Luizinho, do Atlético Mineiro. Todavia, uma contusão deste também acabou implicando na sua ausência e quando se acreditou que Édinho havia ganho maturidade para a Seleção Brasileira, de um instante para outro o defensor do Fluminense começou a cair e a comprometer o rendimento do sistema defensivo brasileiro. Viu-se então que nem Amaral, nem Édinho, poderiam ser a solução que despontou, com maiores possibilidades em Mauro Galvão, do Internacional, de Porto Alegre.

Conseqüentemente, a volta de Oscar para o futebol brasileiro, em

boas condições físicas, serviu para mostrar que realmente o técnico da equipe, Telê Santana, não precisa mais arrancar os cabelos, pois a presença do zagueiro que defende a jaqueta tricolor, nos dias de hoje, servirá para dar mais tranqüilidade a todos os desportistas do País que desejam ver a equipe brasileira bem armada.

Destarte, o zagueiro Oscar, revelado em defesa das cores do Brasil na Seleção de Juvenis, no Torneio de Cannes, se constitui em um certo alívio para o próprio futebol brasileiro. Isso porque trata-se de sanar uma lacuna que estava começando a surgir na equipe nacional e que, com sua tarimba e indiscutível capacidade,

permitirão ao zagueiro Oscar, voltar à equipe nacional mostrando o seu extraordinário futebol.

SELEÇÃO

Oscar voltou com muita disposição. Desde o começo foi logo dizendo que não tinha absolutamente nada. Mesmo assim diante de tantos boatos que haviam surgido, a direção do São Paulo não quis comprar «gato por lebre». Assim é que poucas vezes, nos últimos tempos, um atleta foi suscitado a tantos exames como ocorreu com o ex-defensor da Ponte Preta, de Campinas.

Conseguiria Oscar dar à retaguarda do São Paulo a estabilidade exigida pela torcida? Logra-

ria Oscar superar todas as dificuldades que existiam para impor novamente o seu nome ao aplauso de todos? Era difícil responder antes dos testes a que seria submetido o extraordinário zagueiro.

Por isso, aquela partida amistosa sustentada contra o Palmeiras, para sua apresentação à torcida são-paulina e ao público esportivo brasileiro, passou a ser encarada de maneira especial pela torcida de todo o país e, de maneira particular, pela do São Paulo FC. Assim é os que tinham ido ver Oscar (inclusive o técnico Telê Santana), ficaram verdadeiramente abismados pelo comportamento de todo o time do tricolor que conseguia uma vitória verdadeiramente espetacular diante do seu grande rival: 4 a 0. E a conduta de Oscar fora impecável. Sob todos os pontos de vista. Após o encontro, o craque nos confessava:

— Na verdade acho que esta minha apresentação serviu para desmentir todos aqueles que apregoavam minhas falhas e até mesmo uma «contusão incontrolável». Repito que estou dentro de minhas melhores condições físicas e acho que poderei responder isto com o correr dos tempos.

Satisfeito?

— Mais do que isto. Consegui provar que estou bem, em todos os sentidos e meu objetivo continua sendo a própria Seleção Brasileira. Gostei de saber que o técnico Telê Santana estava presente ao Morumbi e isto, de certa forma, chegou a ser um próprio estímulo para o melhor desempenho de minha parte. Quero mostrar que





estou inteiramente recuperado e que a contusão que tive é coisa do passado.

Depois Oscar ainda ponderou:

— Só posso agradecer a confiança em mim depositada pela diretoria do São Paulo e espero poder corresponder a tudo isto.

Não foi preciso Oscar esperar muito pois a prova de que o São Paulo havia conquistado um grande elemento, veio cinco dias depois quando o tricolor, na sua primeira partida do retorno do Campeonato Paulista teve pela frente o time do Corinthians. Uma equipe que vinha sempre «perseguido» o tricolor e que começava a criar um «tabu». Oscar deu a mesma segurança à retaguarda são-paulina aparecendo nos mo-

mentos difíceis para conjurar o perigo e se constituindo em figura de proa do quadro do Morumbi. Todavia, o avante Toninho não se conformando com a firme marcação imposta pelo zaguero do São Paulo, acabou afastando Oscar da luta, com uma entrada maldosa. A princípio muitos pensaram que se tratava da antiga contusão. prontamente, no entanto, o médico José Carlos Ricci desfez essa impressão dizendo de maneira categórica:

— Oscar foi vítima apenas da entrada dura de um oponente. Não tem nada e dentro em breve estará completamente recuperado.

Pode, assim, acalmar os ânimos da torcida do São Paulo que havia comparecido em massa ao Morumbi para

prestigiar o seu novo ídolo, mal sabendo que seria recompensada em seu esforço por um placar dos mais elásticos em favor do tricolor, que repetia, contra o velho rival o mesmo e dilatado placar registrado cinco dias antes diante de outro grande antagonista: 4 a 0. E Oscar, diante do Corinthians, via sua estrela brilhar novamente, com o São Paulo repetindo o feito obtido diante do Palmeiras.

— Só espero uma coisa, arrematou Oscar, é que o meu nome venha a ser lembrado para a seleção brasileira. Repito que estou bem e em magníficas condições. No momento em que retornar à equipe nacional estarei ainda mais tranqüilo em defesa das cores do glorioso São Paulo FC.

Oscar não precisou esperar muito para ver o seu sonho tornar-se realidade. Isso porque um dia após o São Paulo «golear» o Corinthians, em pleno Morumbi, surgiu a convocação inicial de Telê e lá estava o nome de Oscar ao lado do de Luizinho, do Atlético Mineiro e ainda Juninho, seu antigo companheiro na Ponte Preta. Ouvido pela reportagem confessou-nos Oscar:

— Meu sonho está relizado. Queria voltar à seleção brasileira. Consegui provar que estou recuperado e agora o objetivo é outro: é defender a jaqueta brasileira no mundialito e também no Mundial da Espanha em 1982, pois tenho a certeza de que o Brasil conseguirá passar pelos jogos eliminatórios da Copa do Mundo.

UM BRASIL FORTE NO MUNDIALITO: URUGUAI

São muitas, sem dúvida, as queixas feitas ao técnico Telê Santana pela forma de dirigir a seleção brasileira nos vários amistosos levados a efeito nos últimos tempos. A verdade, contudo, que poucos conseguiram entender, é a seguinte: o preparador começou «queimando» os jogadores que a torcida, em qualquer outra convocação, poderia estar exigindo. São os casos típicos de Raul, do Flamengo; de Cantareli, enfim arqueiros que podiam fazer alguma sombra para Carlos, da Ponte Preta ou João Leite, do Atlético Mineiro. O primeiro deles conseguiu mostrar toda a sua capacidade e o segundo precisa ser testado de uma forma dura em jogos da seleção brasileira. Mesmo em outras posições (caso Édinho) o técnico primeiro quis mostrar o atleta para depois então proceder a uma mudança. E o tempo acabou conspirando em favor de Telê.

Se o conhecido preparador tivesse saído com a «equipe base», naturalmente os torcedores do Flamengo, do São Paulo, do Corinthians, do Vasco da Gama, enfim de todos os clubes do futebol brasileiro, estariam atirando sempre uma pedra contra o treinador, dizendo que este protegia mais os grêmios deste ou daquele Estado, sem dar o devido valor a alguns craques de suas agremiações. Pouco a pouco, aproveitando tais elementos para que estes «provassem» sua incapacidade perante o resto do Brasil, pôde o treinador brasileiro levar avante o seu plano de trabalho que terminou nos jogos contra os paraguaios.

Na verdade foram os dois compromissos contra os «guaranis», lá em Assunção e aqui no Brasil, que acabaram permitindo ao treinador fazer as derradeiras observações nos elementos que estavam sendo testados. Enquanto alguns deles souberam corresponder às expectativas, outros não chegaram a confirmar os seus predicados, o que permitiu a Telê fazer as conclusões para montar o time que estará representando o Brasil no «Mundialito», a ser levado a efeito em gramados do Uruguai. Trata-se na verdade de um torneio secular e que dará ao onze vencedor o galardão de «Campeão dos Campeões». Isso porque a promoção dos desportistas do Uruguai, patrocinando o torneio de cinquenta anos de Certames Mundiais, foi aprovado pela FIFA e o seu campeão será único na história.

Na verdade estarão na capital uruguaia, em dezembro deste ano e janeiro de 1981, os países vencedores de todas as Copas do Mundo, exceção feita apenas à Inglaterra que, «alegando compromissos importantes», não pode assumir o risco de participar do evento. Assim, estarão em Montevideu, o Brasil ganhador de três copas; Alemanha, vencedora de duas copas; Itália, também com dois títulos mundiais; Uruguai, com dois cetros em seu favor; Argentina com um e Holanda, vice-campeão nos últimos mundiais realizados e que estará representando o poderoso «English Team».



Neste traço de Adail, vemos o discutido Sócrates, do Corinthians, cuja presença na seleção brasileira também vai se tornando obrigatória

A responsabilidade do time brasileiro será, sem sombra de dúvida, das maiores. Primeiro porque sendo o único país ganhador de três Copas, estará merecendo uma «observação especial». Além do mais a «longa ausência internacional» a que o Brasil se viu atirado na década de 70, fez com que o «resto do mundo» não olhasse com o devido respeito o nosso futebol. Ao lado dessa ausência um protecionismo escandaloso em torno de jogadores de alguns centros do país, sempre impediram a formação de uma poderosa equipe. Destarte, em vários certames onde poderíamos ter cumprido um papel destacado, fomos atirados a uma situação de «vergonha» mundial, a ponto de avocarmos um título inédito: «Campeões morais». Pelo simples fato de termos retornado da Argentina sem uma derrota. Aliás, no Sul-Americano de 59, quando o Brasil esteve no país vizinho, também não ganhou o título, permanecendo invicto. Ficou em segundo lugar e, ninguém, naquela oportunidade, lembrou que o Brasil fora o ganhador moral da competição. Principalmente se lembrarmos que no último minuto, quando Garrincha se preparava para fazer um gol contra a Argentina, o árbitro «erroneamente» encerrou o encontro...

Agora, contudo, parece que estamos sem vizeiras. Telê Santana conseguiu formar um grupo de trabalho que merece a aprovação de quase todo o público esportivo do Brasil. Ressaltamos de «quase» todos, pois alguns confrades cariocas ainda não aceitaram o fato de os paulistas se apresentarem com maior número de valores na seleção brasileira.

O importante, contudo, não é este pequeno aborrecimento que causa aos cariocas, o fato de haver jogadores de determinado Estado em detrimento aos valores que militam no futebol carioca. O importante é saber que Telê conseguiu superar a pior fase e conseguiu reunir um grupo em torno do qual as dúvidas são poucas. Na verdade «feriu» muitos, dentro do seu pronunciamento, pois jogadores como Leão (que jamais aceita a sua ausência da Seleção); Waldir Peres, do São Paulo; o próprio Serginho, do São Paulo; Édinho, do Fluminense; para não citarmos ainda outros nomes, sempre são lembrados como valores com «melhores possibilidades»...

A verdade, porém, é que Telê Santana preferiu trabalhar com um grupo de valores que jogam e sabem como cumprir ordens no campo de jogo. Elementos que não «intimidam» o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, fazendo exigências financeiras para a conquista desta ou daquela competição. Jogadores que vão dar tudo o que podem de si para alcançar a vitória no campo de luta, pois sabem muito bem o que representa uma conquista, como o «Mundialito», para sua própria carreira. Enfim, sem qualquer receio de enfanos, podemos dizer que o Brasil está no bom caminho e que o Mundialito será o primeiro passo para o reerguimento esportivo do futebol brasileiro. Bons valores Telê tem à sua disposição. E depois dos testes a que foram submetidos, sabemos que eles poderão produzir o suficiente em qualquer campo do Exterior. Não pipocam.



— *Zé Sérgio também conseguiu mostrar as razões que o colocam como um dos melhores pontas do futebol brasileiro e mundial. Vivo, inteligente, veloz e possuidor de potente arremate. Arremata bem com os dois pés. Dá segurança pelo setor à seleção.*



Depois da sua conduta em gramados da Espanha e, ainda levando-se em conta a falta que fez em alguns jogos da seleção brasileira, o atacante Zico, do Flamengo, provou que o Brasil precisa do seu concurso

Presidente Nunes Galvão com a palavra:

Somos gratos a todos que nos prestigiaram

O presidente do São Paulo FC, dr. Antônio Leme Nunes Galvão, mostrava todo o seu contentamento pelo êxito financeiro alcançado pelo «Carnê PAULISTÃO». Sendo uma figura que sempre batalhou pelas causas do clube do Morumbi e ciente do que, em épocas anteriores, representou o apoio financeiro do carnê, o dirigente máximo do tricolor pode manifestar, desta feita, um contentamento ainda maior. Por isso, não teve dúvidas em afirmar que o êxito alcançado foi espetacular.

— Na verdade a tradição são-paulina não fugiu a este empreendimento do São Paulo FC com o seu «carnê» PAULISTÃO. Todos sabem que no passado, graças aos recursos alcançados por este meio, pode o clube do Morumbi, concluir sua praça de esportes e fazer uma série de melhoramentos naquele logradouro. Este ano, contudo, o êxito foi verdadeiramente surpreendente. O público manteve-se fiel até o último mês. A maneira de divulgação do carnê, a correção na entrega dos prêmios, sem dúvida, foram principais escopos para mostrar ao público a correção do tricolor. Justamente por esse motivo, pela maneira como os torcedores, de todos os clubes; desportistas em geral, empres-

taram o seu decisivo apoio a mais esta iniciativa do São Paulo, é que vimos à presença de todos, indistintamente, para apresentar o nosso agradecimento.

Esclareceu, ainda, o presidente Antônio Leme Nunes Galvão:
— Este apoio do

grande público do nosso grande Estado, permitiu ao São Paulo FC, promover uma série de obras e realizações em sua parte soci-¹, proporcionando aos sócios e todos aqueles que freqüentam as dependências da majestosa praça de esportes «Cícero Pompeu de Toledo», um maior confor-

to. Sem o auxílio financeiro que o «Carnê» Paulistão tem oferecido, jamais poderíamos enfrentar tais empreendimentos. Eles podem ser constados por todos, indistintamente, e constituem sempre uma prova eloqüente daquilo que um clube pode realizar quando há confiança em tudo o que é feito.

Concluindo salientou o dirigente máximo do tricolor:

— Não poderia, portanto, quando encerramos esta parte do «carnê» PAULISTÃO, deixar sem um registro e sem um agradecimento especial, a todos aqueles que cerraram fileiras em torno da iniciativa do tricolor. Sabemos, igualmente que conseguimos tornar inúmeros possuidores do «Carnê» PAULISTÃO bastante felizes com os prêmios que foram distribuídos. Os momentos de alegria que tivemos com a entrega desses prêmios foram, sem dúvida, suficientes para sentirmos que todo o grande público continua fiel às suas tradições. Justamente por este motivo é que nos permitimos dizer que voltaremos no próximo ano, sempre oferecendo «algo mais» ao possuidor do «Carnê» Paulistão. Estaremos crescendo e, ao mesmo tempo, proporcionando alguns momentos felizes para os desportistas de todo o nosso Estado.



David Berlim e o «Carnê» Paulistão

Até breve. Voltaremos com muitas novidades!

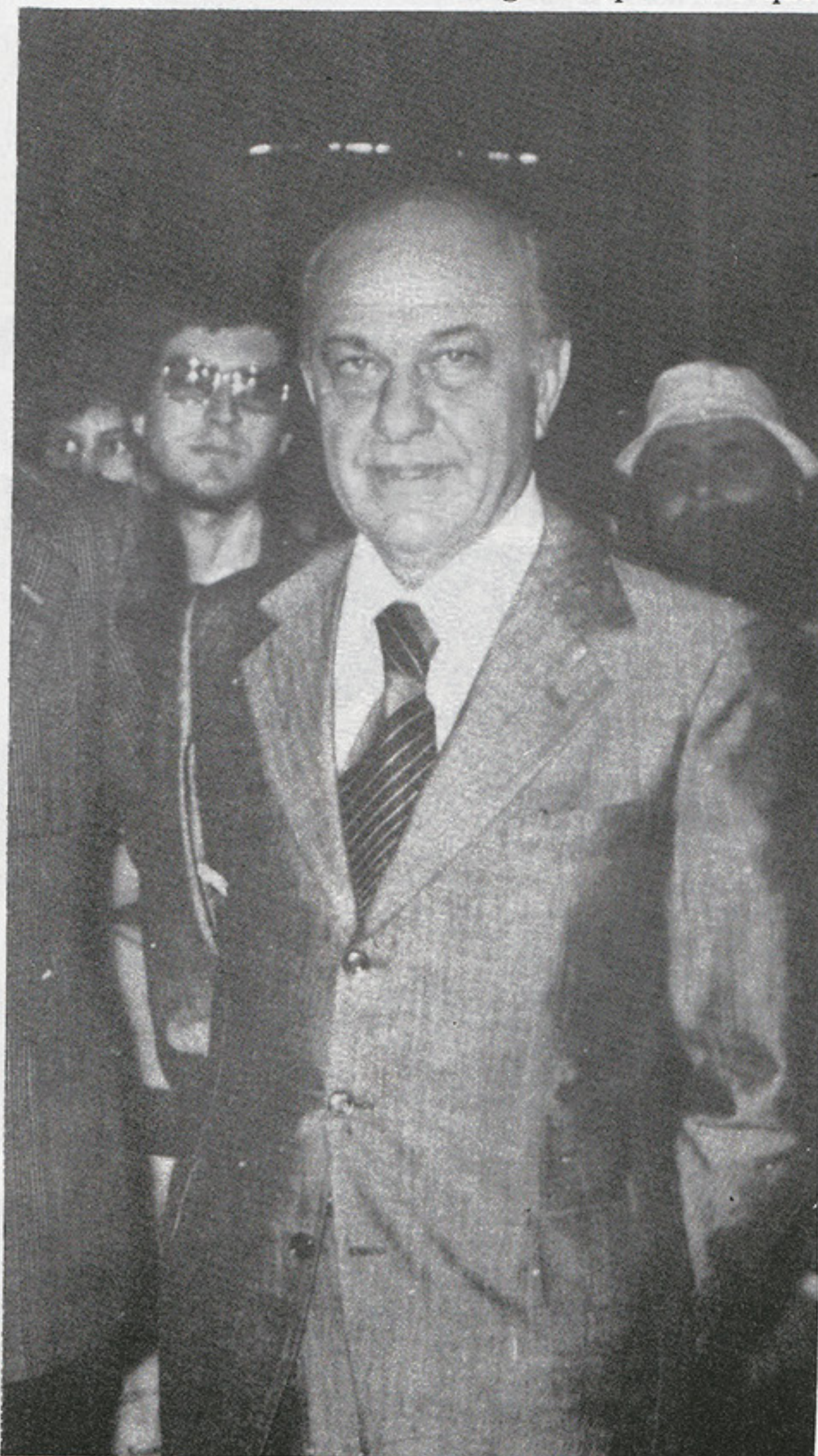
Poucas vezes, nos últimos tempos, um «carnê» despertou tanto o interesse dos seus adquirentes, como ocorreu com o «PAULISTÃO» em 1980. O que teria havido? Métodos novos? Qual o segredo empregado por David Berlim que foi o Coordenador de todo este magnífico trabalho? É o próprio David Berlim quem esclarece tudo isso à nossa Revista, dizendo o que foi feito e o que pretende também produzir no próximo ano.

— Existem detalhes, acentuou David Berlim, que de maneira alguma podem ser esquecidos, quando se trata de retribuir ao maciço apoio que nos foi dado, como aconteceu no caso do «Carnê» Paulistão. O primeiro deles é para com o grande público. Ninguém gosta de perder o seu dinheiro ou sentir-se ludibriado. O «Carnê» Paulistão sempre primou pela decência de comportamento e correção de compromissos assumidos. Todos os prêmios foram entregues na hora e dia marcados. Nenhuma queixa. Nenhuma reclamação.

— A equipe de trabalho comandada por David Ziegelman, na supervisão geral e que contou ainda com Pedro Machado Martins, gerente administrativo; Agnelo Di Lorenzo, gerente financeiro do São Paulo, não teve hora de entrada

ou saída. Sob o seu comando todos os vendedores e funcionários trabalharam intensamente e souberam, indistintamente, dar a sua melhor atenção aos portadores de «carnês».

— Isso foi do lado



interno. Do externo houve o aproveitamento de grandes e destacados nomes projetando a imagem do «Carnê» PAULISTÃO aos quatro cantos do Estado de São Paulo. Figuras que sempre mereceram o crédito do grande público e que

não titubearam em apoiar comercialmente, esta iniciativa do São Paulo FC. Com todos estes ingredientes e com o sólido apoio do grande povo paulista foi possível levar a cabo, da melhor maneira possível, este empreendimento que estabeleceu novas marcas de venda em todo o Estado.

— Não poderia, no momento em que encerramos nossa primeira participação junto ao povo paulista, deixar de estender o nosso agradecimento de irrestrito apoio à iniciativa do São Paulo e da qual pudemos emprestar a nossa colaboração na coordenação de todos os trabalhos que o «carnê» exigiu durante este período.

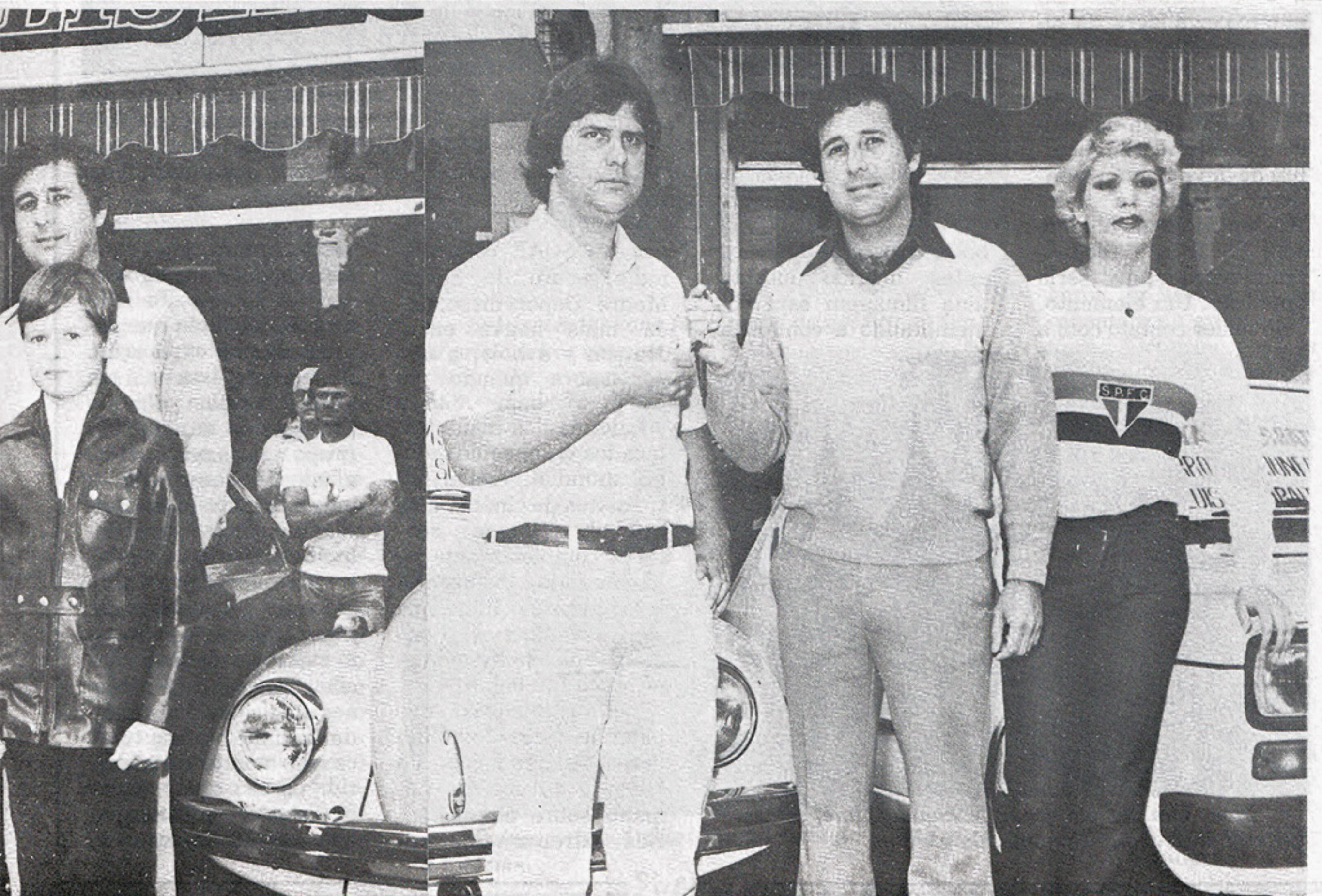
— A maneira como o grande público paulista nos prestigiou também assegurou a vinda de um outro «Carnê» Paulistão para dentro em breve, com o mesmo fundo de correção como aconteceu até agora, mas com idéias que virão atender ainda mais os anseios de todos os participantes e daqueles que tem sabido prestigiar esta iniciativa. Por isso, neste momento, estamos dizendo um «até breve» e podem ter a certeza que o Paulistão do ano vindouro virá com força total, com prêmios excelentes, jamais fugindo ao compromisso assumido perante o adquirente do «Carnê».

PAULISTÃO FAZ O TORCEDOR

Quando estamos dando um «até breve» aos portadores do Carnê PAULISTÃO, temos a certeza absoluta de haveremos cumprido, da melhor maneira possível, a nossa incumbência perante o grande público paulista. Isso porque em mais uma oportunidade tivemos o prazer e a alegria de entregarmos os prêmios a todos os felizes ganhadores. Temos a certeza de que conseguimos tornar muita gente alegre. O melhor testemunho desta nossa assertiva é dado pelos felizes contemplados. As frases de expressão e carinho de todos eles muito nos animaram a prosseguir com esta iniciativa que, se atende em parte aos anseios de milhares de pessoas, também permite ao São Paulo levar avante o seu plano de obras no Morumbi que, igualmente, faz com que milhares de pessoas possam usufruir os benefícios que a agremiação oferece aos seus associados. Ainda nesta oportunidade voltamos a ressaltar a lisura do Carnê Paulistão, a maneira como os seus adquirentes sempre mereceram o nosso amplo e integral respeito. Por isso, no momento em que encerramos esta primeira participação com a alegre festa da entrega de prêmios de 1980, nos sentimos contentes e orgulhosos de termos podido trabalhar, lado a lado, com o grande público esportivo paulista. Isso porque, embora a iniciativa seja do São Paulo, a verdade é que o PAULISTÃO não tem cores e nem bandeiras e a sua meta é servir todos os amigos e desportistas. Até a volta, boa gente.



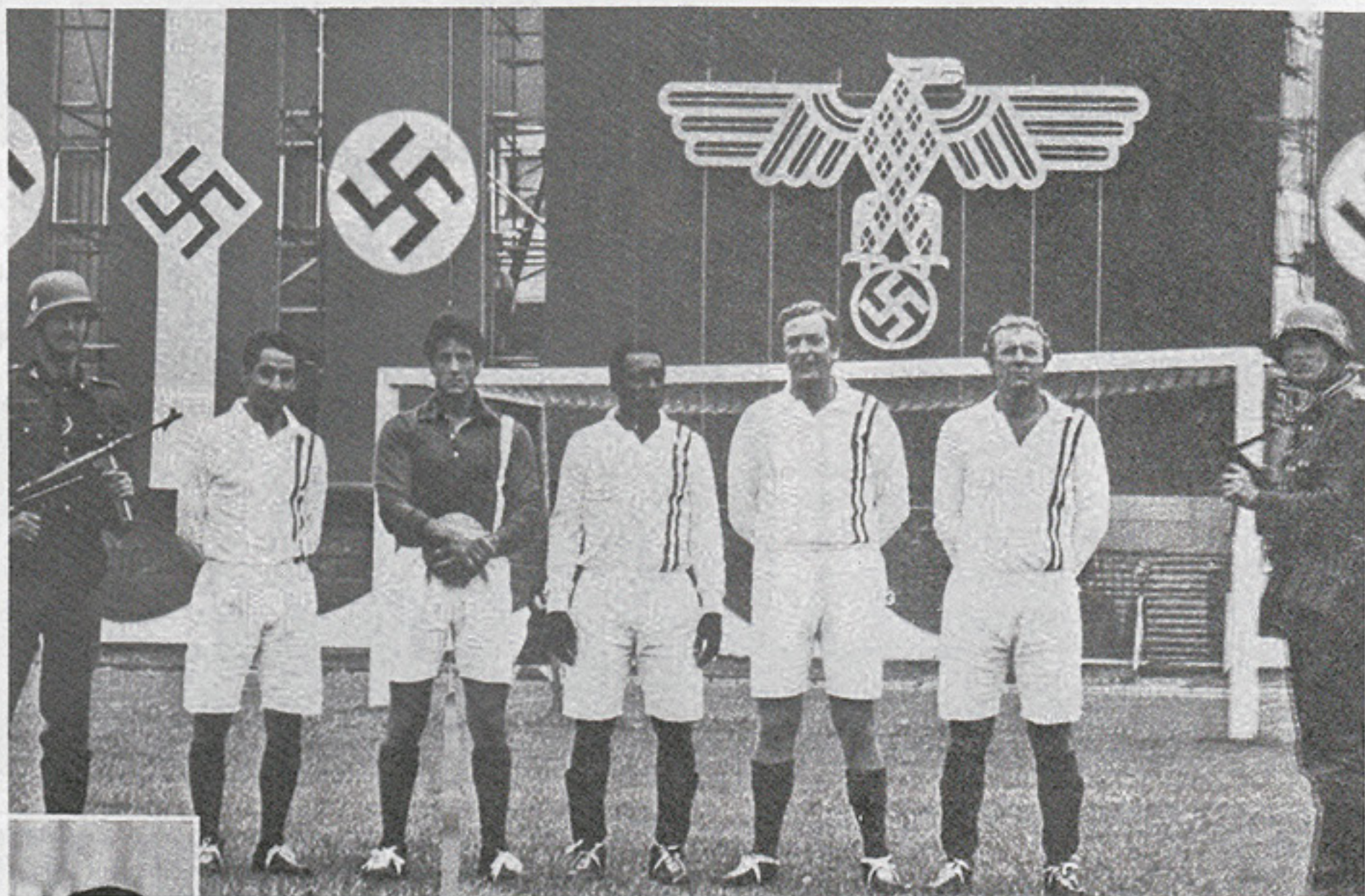
OR FELIZ COM OS PRÊMIOS



Pelé soube reconhecer: O cinema é ruim de bola!

O crítico Ian Jack, do «The Sunday Times Magazine», escrevendo a respeito do filme recentemente concluído em Budapeste, pelo célebre John Huston, teve oportunidade de dizer uma verdade que poucos se atreveriam nos dias de hoje: mostrar o lado ruim do cinema, que é na bola, embora a tentativa de Pelé tenha sido das melhores para salvá-lo. Na verdade o destacado diretor de cinema fazendo com que o ator Sylvester Stallone, defendesse um penalti, acabou realizando um autêntico milagre da cinematografia, coisa que o próprio Pelé não acreditava muito.

A filmagem da película constitui, sem sombra de dúvida, um verdadeiro desafio a John Huston. Hoje um homem com 73 anos e recuperando-se de uma séria operação. Um elemento, cujo maior contato com a



Oswaldo Ardiles, o consagrado meia do futebol argentino; o ator Sykvester Stallone; Pelé — sem comentário; Machael Caine, que entrou com muita disposição quando o jogo estava «aceso» e contundiu-se dez minutos depois quando saiu «meio morto» e Bobby Moore, ex-capitão da Seleção da Inglaterra, sob o duro olhar dos «boches»

bola, ocorrera 30 anos antes, quando durante uma filmagem saiu comemorando a conquista

do seu OSCAR, com o filme Tesouro de Sierra Madre. Depois disso, nada mais houve entre Hutson e a bola, a não ser agora quando viu de perto, bem junto a si, alguns dos mais destacados craques do futebol mundial. Assim entre astros de cinema e do futebol, Hutson sentia-se completamente rejuvenescido, disposto a levar avante o filme que será, acreditamos, o primeiro épico hollywoodiano sobre futebol.

Uma história, nas palavras dos divulgadores da produção, do «triunfo do espírito humano sobre circunstâncias extremamente ad-

versas, num jogo que não é apenas um jogo».

— Escape To Victory, é um filme que requer alguma explicação. A ação passa-se em 1943. Em típico golpe de propaganda nazista, um grupo de prisioneiros aliados é convencido a enfrentar a Seleção Alemã, no Estádio de Colombes, Paris. O árbitro do encontro está do lado dos promotores do jogo. Durante o intervalo membros da Resistência francesa oferecem aos aliados a oportunidade de fugir por um tunel cavado a partir do vestiário: parece uma chance imperdível de escapar não só ao inferno do



Max Von Sydow (com Michael Caine) é um general nazista atipicamente justo e bom.

campo de concentração de Gensdorf, como a um placar desfavorável de 4 a 1. Mas, já na escuridão do tunel, a meio caminho para a liberdade, o time resolve voltar para lavar a honra, no segundo tempo».

— «Poderá ser um grande filme» recitam os homens da divulgação. Ou poderá ser uma tragédia. Aos atores pede-se que joguem futebol; aos jogadores, que interpretem. Como o diretor, o grosso da equipe americana não entende de futebol, enquanto a maioria dos figurantes húngaros não entende inglês. Tudo funciona como se David Lean se aventurasse a rodar um filme de beisebol no Peru. Lean, por sinal, é freqüentemente mencionado no estádio: «Huston quer», asseguram os californianos transplantados para Budapeste, «que este filme seja a sua «Ponte sobre o Rio Kwai». A dimensão épica, de qualquer forma, talvez possa ficar exclusivamente por conta da cena culminante. No último minuto do jogo, o goleiro dos aliados — interpretado por Stallone — deve defender um pênalti batido pelo capitão dos alemães, vivido por Werner Roth, na vida real o «capitão» do time do Cosmos, de Nova Iorque. Um pênalti defendido em futebol é sem dúvida alguma, uma raridade. Pois o roteiro prevê que a bola, mais que simplesmente arremessada por cima da trave ou para fora, acerte em cheio o peito do goleiro, que a devolve gloriosamente ao meio de campo, enquanto a Resistência invade o campo ao som de rifles e metralhadoras. Tudo num só plano, sem cortes.

Sylvester Stallone, transformado em estrela, antes pelas virtudes atléticas do que pela sua familiaridade com a palavra falada, recusou-se a aceitar os serviços de «dublagem» com o jogador Payl Cooper, do Ipswich, que não teve uso para a máscara que recebeu, copiando os traços do ator. Mas os caprichos de Stallone, co-produtor do filme e sua principal estrela para o mercado americano, enquanto Pelé garante o «resto do mundo» — precisavam ser respei-

tados. Assim, o profissional responsável pela cobrança do pênalti teve de chutar de um jeito que não só garantisse a defesa por um ator que nunca jogou futebol, como ainda parecer forte o suficiente para não quebrar o «suspense» em platéias onde o futebol é conhecido pela ponta dos dedos, como ocorre no Brasil, na Inglaterra, Espanha ou Itália.

Viu-se ainda, um americano residente na Grécia, ex-integrante de time alemão da Segunda

Divisão, ser contratado como «assessor para assuntos técnicos».

Pelé seria visto, nas telas, como um marinho português chamado Machado. Não gostou do nome e um belo dia mudou-o. Assim é que mesmo durante as filmagens passou a ser chamado de Fernandez. Outro detalhe importante da película. Pelé, juntamente com Bobby Moore, que a cena final que «tinha de ser» de Sylvester Stallone, fosse adaptada às exigências da verossimilhança técnica: em vez de sair em furiosa disparada para marcar do outro lado, o gol da vitória (era o que previa o roteiro) o goleiro aliado limita-se a defender honrosamente uma cobrança de pênalti.

A grande alteração, contudo, ficou por conta do próprio Huston. Os planos originais previam — em documento de 20 páginas, cheio de diagramas e mapas — uma laboriosa coreografia de cada movimento dos jogadores, a serem filmados em detalhe. Seria um falso jogo, que chegou a ser tentado. Mas logo os 25 mil húngaros da assistência se cansaram de gritar «Victoire, Victoire» e cada vez — foram mais de 12 — que Pelé fazia mesmo o gol. Assumindo a direção após dispensar

o diretor de segunda unidade, Huston decretou: «Joguem e joguem sujo. Vocês odeiam esses caras. Joguem pra valer, sem pensar em planos». As coisas logo melhoraram e viu-se inclusive Michael Caine animar-se e sair contundido numa das pernas. Huston anunciou, ao final, que havia entregue «o futebol aos jogadores».



Sylvester Stallone fez o papel de goleiro no time de prisioneiros em que joga Pelé.



Caine, Pelé e Ardiles, numa cena de «Fuga para a Vitória».



PIQUET, O NOVO IDOLO BRASILEIRO NO CIRCO!

O circo da Fórmula-1, teve no brasileiro Emerson Fittipaldi, durante alguns anos, a sua grande figura. Na verdade quando o «ás» patricio começou a «devorar» os grandes prêmios, mostrando a sua habilidade de piloto e seus conhecimentos sobre automobilismo, todo o mundo ficou empolgado. Os «Grand Prix» eram aguardados com inusitado interesse e um frenesi corria a espinha dos amantes de automobilismo (e alguns milhares que torciam pelo volante brasileiro) quando Emerson Fittipaldi entrava na pista. Suas vitórias foram comemoradas pelo Brasil inteiro. Quando se esperava, contudo, que Emerson partisse de forma definitiva para o estrelato, ele preferiu tentar a sorte com o carro nacional e seus fracassos sucessivos acabaram desiludindo a grande platéia brasileira. José Carlos Pacce, que já fazia sombra para Emerson teve um desaparecimento prematuro e os sonhos dos nossos foram se diluindo como fumaça no espaço. O próprio automobilismo deixou de interessar mais de perto ao grande público.

Por isso, o surgimento de Nelson Piquet, no cenário da Fórmula-1, passou a ser uma espécie de injeção revitalizadora no próprio automobilismo brasileiro. Aliás, já na Super-vê, em 1974, ao lado de muitos pilotos bastante conhecidos, um nome passou a ser mencionado de maneira respeitosa pelos demais participantes: Nelson Piquet Soto Maior, filho do ex-ministro da Saúde do Governo João Goulart, sr. Estádio Soto Maior.

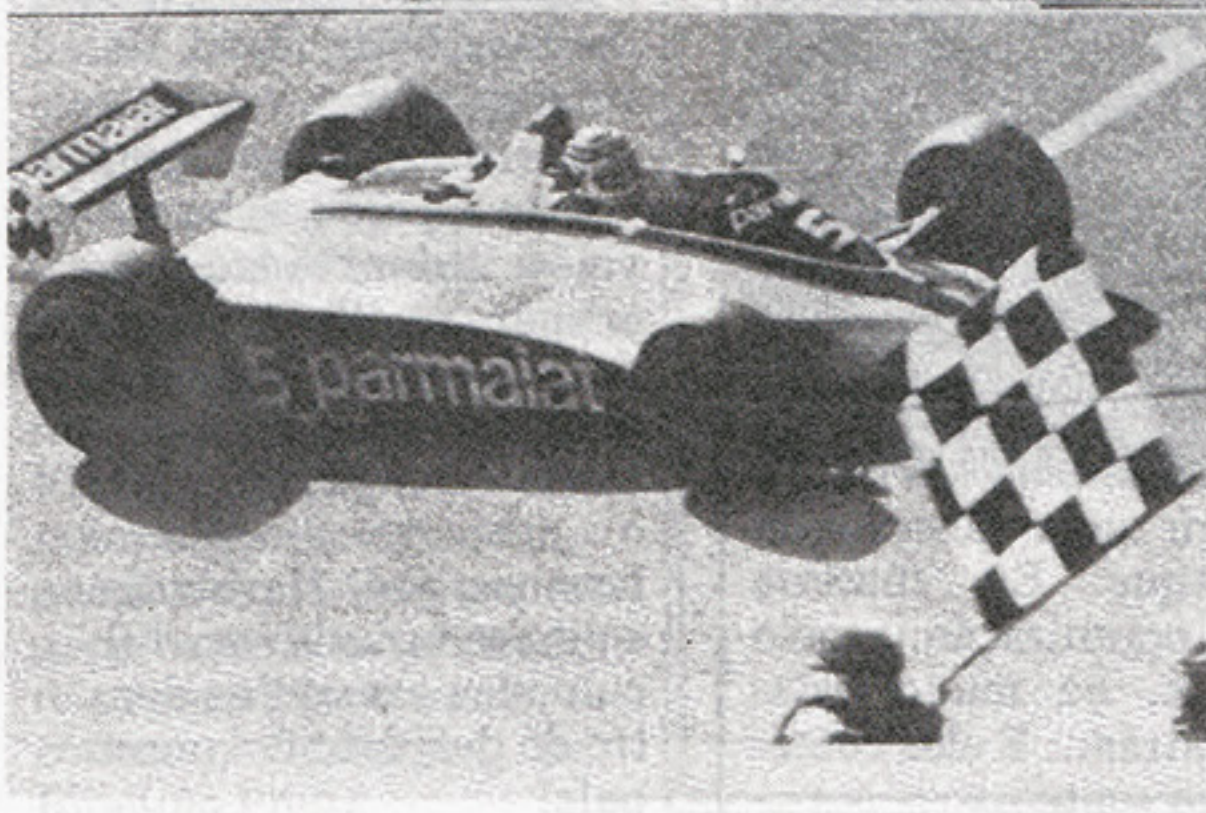
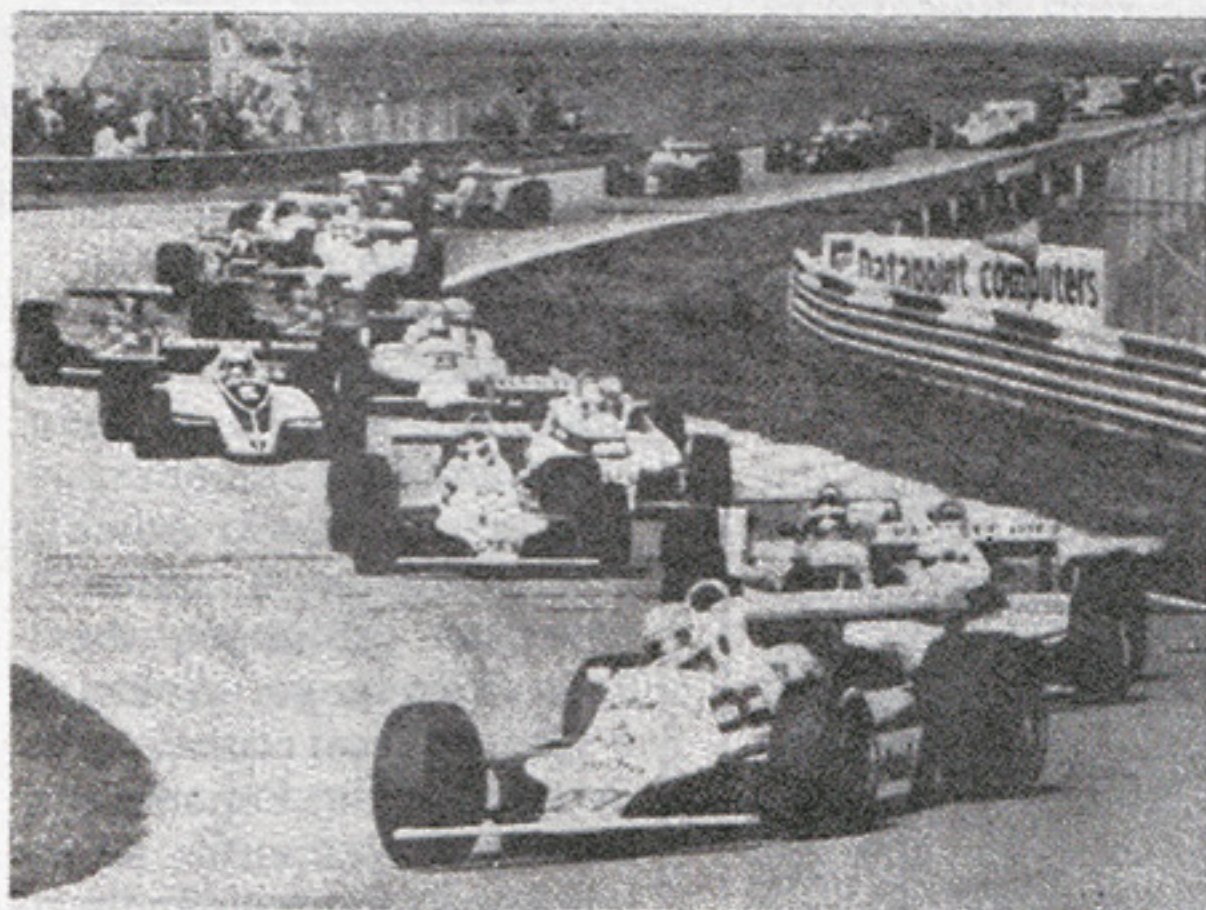
Aquele Piquet da Super-Vê era sem dúvida bastante diferente do extraordinário «ás» dos dias de hoje. Em 1975, embora liderando muitas provas, Piquet, a exemplo do que ocorrera no ano anterior, não chegou ao título. Em 76, finalmente, contratado pela equipe Gledson, o rapaz de 22 anos, voz baixa e um pouco rouca (que caracteriza a sua timidez), chegava ao galardão. Para conquistá-lo superou o recorde brasileiro em número de vitórias, vencendo seis das nove provas da temporada. Sentiu-se, então, que Piquet já não tinha adversários no Brasil. Foi quando ele decidiu transportar-se para o Exterior, a

fim de competir na F-3. Participou, nessa categoria, do campeonato europeu, tendo oportunidade de conhecer o maior número possível de circuitos. Teve, contudo, problemas com seu carro, um velho March e, aconselhado por Emerson, trocou-o por um Ralt e, como resultado, na segunda etapa do certame, passou a figurar entre os primeiros. Estabeleceu novas marcas em Donnington, Croixen, Kassel e Zeltweg.

Em julho de 78, Piquet participando do British Petroleu, o extraordinário campeonato da F-3, chegou ao título, estabelecendo 13 vitórias e mostrando muita categoria. Desde logo seu nome passou a ser observado mais de perto, como um possível integrante do circo da F-1.

Embora pretendesse participar da Fórmula 2, a Brabham acabou arrastando Nelsinho para a F-1, contratado por Bernie Ecclestone que via no piloto brasileiro, um grande campeão como o Emerson Fittipaldi. Com um contrato que não foi dos melhores, Piquet pretendia aprender bastante, pois não aspirava ainda lutar pela liderança. Um salário baixo e doze por cento dos prêmios de vitória, impedido de fazer propaganda de qualquer produto que não seja dos patrocinadores do seu carro, Piquet, começou ver a fama chegar bastante depressa para o seu lado.

Assim é que após subir ao «Pódium», já com 28 anos, no GP da Argentina, foi acumulando pontos e conquistando novos lauréis, em 1980, para firmar-se definitivamente como um dos maiores pilotos do



mundo. Piquet, passou a ser, então, para os brasileiros, o seu grande representante na Fórmula-1, ofuscando tudo aquilo que Emerson havia feito até então, pois na verdade, a grande massa só liga mesmo para os ganhadores. E Piquet, cujo estilo se assemelha (em arrojo e confiança) bastante ao de Pacce, é nos dias de hoje um elemento consagrado em todo o mundo.

Já se começa a falar, inclusive, do interesse de outras marcas, em torno do «ás» do volante brasileiro. Nelsinho, porém, mantém-se calado e quieto, como é do seu feitio, pois sabia que qualquer pronunciamento, antes do final da temporada, poderia arruiná-lo no futuro. As propostas agora são milionárias e o próprio corredor já sabe como catalogá-las em ordem de importância.

Esporte & Gente



César Luis Menotti, o destacado técnico da seleção argentina, esteve recentemente em nosso país, participando de uma mesa redonda de televisão. Conseguiu mostrar os seus profundos conhecimentos. Apontou uma fórmula ideal para argentinos e brasileiros caminharem juntos dentro do cenário esportivo mundial: acertarem amistosos contra as grandes equipes do mundo inteiro. A verdade é que Menotti conseguiu cativar o público telespectador do Brasil. Há, no entanto, um detalhe que muitos não sabem. Apesar de toda a clareza demonstrada por Menotti a verdade é que jamais

uma equipe dirigida por este, conseguiu superar uma Seleção do Brasil.

Além do mais, profundos conhecimentos de técnica e psicologia, adotados por Menotti, foram assimilados junto ao «mestre» (que ele considera muito) Oswaldo Brandão. E, para os menos avisados, Menotti encerrou sua carreira de futebolista na CA Juventus, de São Paulo, agremiação que até hoje retém o passe do aludido profissional. Menotti (foto) é, no entanto, um grande admirador do futebol brasileiro a quem reputa «sério e cheio de responsabilidades».

Sem dúvida alguma a influência de Pelé no futebol norte-americano é uma coisa «fóra de série». Antigamente era raro ver-se uma bola de futebol (para os norte-americanos é soccer) nas lojas. Muito menos nas ruas. Hoje em dia a difusão da «pelota» é das maiores e nos parques e centros esportivos, garotos de todas as idades aparecem aproveitando o espaço vazio para bater sua bola. Na gravura ao alto em pleno Central Park, em Nova Iorque, um garoto exibe suas qualidades de futebolista, mostrando como é fácil bater numa bola. Antes de Pe-



lé, isso jamais poderia ser observado em qualquer cidade dos Estados Unidos. Não se espantem se em cinco anos o futebol naquele País

atingir uma posição de destaque. Em matéria de organização, pelo menos, há muito estamos atrás... E eles começaram «ontem»...



O brasileiro João Havelange, presidente da FIFA, aceitará a indicação do italiano Artemio Franchi, para permanecer mais quatro anos à testa do organismo máximo do futebol mundial. Há, contudo, um outro detalhe a ser considerado. Também se cogita, em nosso país, dos préstimos e conhecimentos profundos de João Havelange. Assim é que, em se criando a Secretaria de Esportes, órgão diretamente subordinado à presidência da República, João Havelange (foto) que é o nome mais cotado para ocupar o posto, acha viável a possibilidade de ocupar os dois cargos sem nenhuma incompatibilidade. Seria um descanso, sem dúvida, para o desporto brasileiro. Isso porque Havelange conhece e muito as dificuldades existentes dentro do desporto em nosso país!



Confessando haver perdido muitos penaltis, não só no Corinthians como no Botafogo, de Ribeirão Preto, o avante Sócrates, o jogador mais bem pago do futebol brasileiro na atualidade, teve uma frase muito simples a respeito do penalti: «Só chuta fora ou perde o penalti, quem bate». Isso tudo é muito simpático, sem dúvida. Todavia, gostaríamos de saber a recepção que teria o famoso atleta se, um minuto antes de terminar uma partida, numa decisão de Copa do Mundo, ele perdesse um penalti que daria o título ao Brasil... O jogador aparece no alto cobrando uma penalidade máxima contra o Comercial, de Ribeirão Preto.



Parece que, por enquanto, Emerson Fittipaldi ficou livre das chaticotas de seus companheiros da Fórmula-1. Essa proeza foi conseguida graças à fraqueza de Keke Rosberg, apontado como o maior «barbeiro» da F-1, nos dias atuais. Tão grande e tão ruim é a forma de pilotar de Rosberg, que os mecânicos da equipe Fittipaldi pintaram no «cockpit» do F-8 o seguinte recado: «Trate com carinho e cuidado, como se fosse uma namorada». Isso porque Rosberg não consegue completar um simples treino ou uma prova, sem bater com o seu carro...

ZÉ MARIA: EXEMPLO DE DEDICAÇÃO

Zé Maria, lateral direito do Corinthians, várias vezes também da Seleção Brasileira de Futebol é, sem sombra de dúvida, um exemplo de dedicação, perseverança e espírito de luta. Apesar dos anos, tal como aconteceu com Djalma Santos, ele continua firme na defesa das cores do Corinthians e todos os que se candidatam a lhe roubar a posição, encon-

tram um terrível obstáculo em suas aspirações. Isso porque os anos parecem não pesar nos ombros do «Super Zé» e ele mantém-se firme no posto, correndo e lutando como um «guri».

— Não há — confessou Zé Maria — nenhum segredo. Apenas procuro cuidar-me bastante. Não tenho nenhum vício, sou aplicado nos treinos e procuro manter sempre

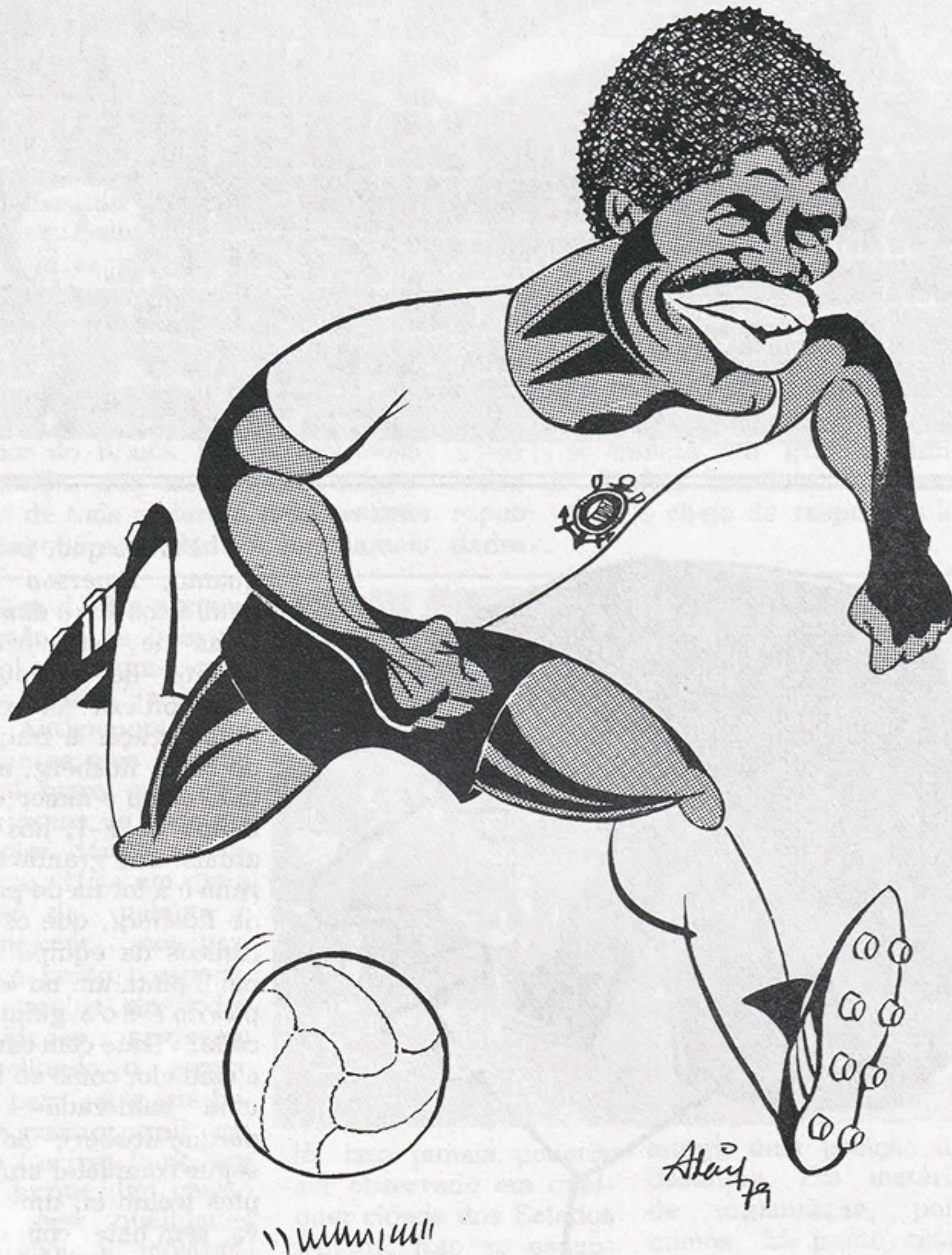
minha melhor forma. Quando sofro alguma contusão faço tudo o que é determinado pelo médico e, muitas vezes, sou o primeiro a sentir que a recuperação está pronta e volto aos treinos com o mesmo entusiasmo de antes.

Como vê a «nova» seleção?

— Tem gente boa. Mas é preciso ter um batismo de fogo lá fora para se aquilatar bem suas possibilidades. Futebol hoje em dia exige muito empenho e vigor físico. Quando não se vai firme para a «dividida» o adversário pensa que «já dominou» a situação e isso é sempre um perigo. Por isso, entendo que o mais importante numa partida de futebol é primeiro ganhar o respeito do adversário. Depois fica muito mais fácil jogar. Seja aqui ou lá fora.

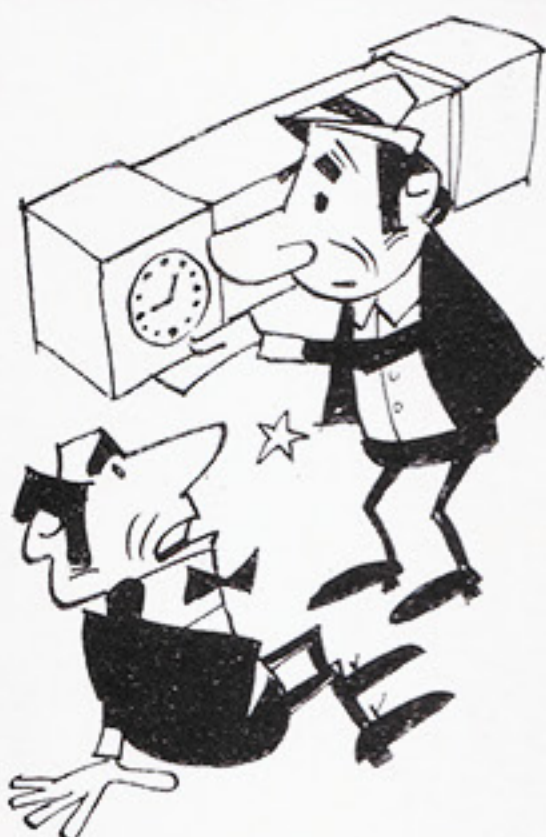
Acentuou, ainda Zé Maria:

— Ficamos, esta é uma verdade triste, muito tempo longe do cenário esportivo do Velho Mundo. Embora os clubes entendam que compromissos internacionais, fora do Brasil, dão prejuízo, pois nem sempre as agremiações recebem uma excelente quota, para o atleta o intercâmbio internacional é de vital importância. Acho, por isso, que alguns jogadores da equipe brasileira precisam primeiro ser testados «lá fora» para se saber ao certo, até onde poderão chegar. Depois, então, é que poderão partir para dias melhores. É preciso dar-lhes experiência e mostrar-lhes as dificuldades existentes lá fora. Depois desse aprendizado, essa garotada poderá ir longe.



DIVERSÃO

UMA PAGINA DE DON OSCAR



Por que você não usa relógio de pulso?

CURIOSIDADES

O MAIS BELO MONUMENTO DO MUNDO, o famoso Taj-Mahal, na pequena cidade de Agra, na Índia, considerado pelas autoridades arquitetônicas como o mais belo e mais rico monumento até hoje construído no globo, foi feito em memória de Mumtaz Mahal, falecido em 1631. Foi concluído em 1653. Três mestres o desenharam: o persa Ustad Isa, o italiano Gieronimo Veroneo, e o francês Austin de Bordeaux. A sua construção, que durou quase 22 anos, ocupou 22 mil homens. Custou 230 milhões de dólares, tendo o marajá de Jaipur feito presente ao "xá" Jehan, grão-mogol da Índia de todo o mármore necessário.

INVENTOS

O **CHAMPAGNE** foi inventado pelo frade beneditino Pierre Perignon, que nasceu em Saint-Menehould em 1638.

O **CADEADO** foi inventado em Nuremberg, no ano de 1240.



- Da Silva se casou com três mulheres e está em cana. Saiba o que falou na "gaiola"?
- Não.
- Graças a Deus, estou livre!

ADÁGIO

A língua não tem osso mas quebra ossos.

- É bom este tônico capilar?
- Ótimo. Ontem pus um pouco no pente ao me pentear e hoje já não é pente. É escova.



ENTRE COMADRES

- Porque, dona Maria, a senhora chama seu filho de João se o nome dele é Pio?
- Porque quando eu o chamava por "Pio! Pio! Pio!" a minha casa enchia-se de galinhas...

O JOGO DAS SETE DIFERENÇAS





DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ